

Narrativas

Espaço do contar

Ano 5 | Número 5 - novembro de 2016



Narrativas

Espaço do contar

Ano 5 | Número 5 - novembro de 2016

A Lúcia Gonçalves
in memoriam



Sobre NARRAR

Um ano para contar. Um ano para (re)pensar. Um ano também da nossa Narrativas nº5! Perdoem-me o “nossa”, não se trata de uma propriedade, mas de uma obra coletiva de palavras ao vento. Voaram, não tenho dúvidas, com Dona Lúcia numa espiral de borboletas – entre as palavras que permaneceram, saudade.

Nova turma, outras as metas. Em um ano tão Político, misturamos História e Literatura como que para lembrar que, afinal, só existem narrativas com narradores. Não é tão óbvio quanto parece. Descobrir-se narrador faz parte do descobrir-se no mundo, atuante. Ora, a voz também é uma ação. Social, individual, ação.

Luz, câmera!

Conforme apresentado em outros idos, esta edição se materializa em dossiês, resultantes de projetos desenvolvidos em sala (e fora dela) com os escritores do 9º Ano da Aldeia Curumim. Se já recorreremos aos bons e velhos autores da literatura universal, ou ainda ao Cinema de cada dia, ficarão impressionados com o quanto os narradores deste ano buscaram nas próprias memórias a argamassa de suas ficções.

Em “Ser Mulher”, combatemos os preconceitos internos e externos e as tendências mais conservadoras em prol de uma Liberdade que mereça seu L maiúsculo, através da igualdade de gênero.

No segundo dossiê, “Que o faz-de-conta não termine assim”, insistimos na criança que existe em nós, nascida de um tempo outro, mas dona de um olhar surreal capaz, por vezes sozinha, de controlar a seriedade do onipresente real.

Daqui a pouco teremos mais heterônimos do que o próprio Fernando Pessoa! Com “O Eu profundo e os outros eus”, escavamos alma a alma umas tantas almas a mais, revelando-nos esses seres confusos e múltiplos que somos nós mesmos.

Por fim, com o dossiê “Never sleep again”, mergulhamos no universo do Terror e, com Freddy Krueger, de “A Hora do Pesadelo”, nos assustamos (e rimos) com este macabro prazer humano que pode ser o medo.

Os agradecimentos sempre especiais aos envolvidos com todo o projeto e a nossa revisora-mor, Mônica Scheer. Foi divertido. Não sei se nossos escritores perceberam o quanto aprenderam assim. Melhor lê-los, não acham?

Mateus Bertolino



DOSSIÊ SER MULHER

6



DOSSIÊ QUE O FAZ-DE-CONTA
NÃO TERMINE ASSIM

14



DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

26



DOSSIÊ NEVER SLEEP AGAIN

36



DOSSIÊ SER MULHER

*"vou viver por minha conta
alimentar-me das minhas próprias carnes
cansei desse 'nós dois' desafinado
dessa paixão com gosto de comida requentada
dessa minha cara de 'barbie' quebrada
cansei."*

"Barbie Quebrada", de Cristiane Sobral

Caminhamos simbolicamente pelas ruas ao longo de séculos de luta. Gritamos nossas personagens femininas e seu protagonismo! Contrastamos os tempos. Permitam-me o desabafo, senti-me velho e carente destas personagens. Não tive Valente, Rey, Elsa, Katniss alguma na meninice. Feliz das novas princesas terem poderes e fugirem sozinhas das torres. Nada contra os príncipes, mas esta história não precisa ser única. Atentos, adiante seguimos, a igualdade está no horizonte. Vamos de mãos dadas.



"Quando Baltasar entra em casa, ouve o murmúrio que vem da cozinha, é a voz da mãe, a voz de Blimunda, ora uma, ora outra, mal se conhecem e tem tanto pra dizer, é a grande interminável conversa das mulheres, parece coisa nenhuma, isto pensam os homens, nem eles imaginam que esta conversa é que segura o mundo na sua órbita, não fosse falarem as mulheres umas com as outras, já os homens teriam perdido o sentido da casa e do planeta."

"Memorial do convento", de José Saramago

Obras e filmes de referência: "Cadernos negros", de Cristiane Sobral / "Memorial do convento", de José Saramago / "Aviso da lua que menstrua", de Elisa Lucinda / "Bagagem", de Adélia Prado / "As Brumas de Avalon", de Marion Zimmer Bradley / "Jogos Vorazes" (3 Vols.), de Suzanne Collins / "Star Wars: O Despertar da Força", de J.J. Abrams / "Frozen", de Jennifer Michelle Lee e Chris Buck / "Valente", de Brenda Chapman e Mark Andrews / Arte da grafiteira Di Couto

A Mulher das Fábricas

Felícia era uma mulher inglesa que vivia no começo do século XX com seu marido e três filhos. O marido e o filho mais velho trabalhavam em uma fábrica de munição, a filha do meio ajudava nas tarefas de casa, apesar de ser nova, e o filho mais novo ainda era um bebê.

Em um dia comum, Felícia estava ouvindo o rádio quando soube que estavam chamando homens para guerra em sua região. Ela ficou preocupada porque seu marido e seu filho estavam na fábrica trabalhando. Ela passou o dia inteiro sem notícias deles quando, na manhã seguinte, um homem foi a sua casa.

– Senhora, seu filho e seu marido foram lutar pela Inglaterra e deixaram-lhe uma vaga na fábrica, se aceitar o trabalho, vá à fábrica amanhã mesmo.

Ao saber disso ela voltou para dentro de casa e chorou o dia inteiro. No dia seguinte, ela foi à fábrica para assumir o seu novo trabalho. A função dela era encaixar peças, mas ela não sabia que peças eram aquelas. Conheceu uma mulher bem nova, chamada Maria, e soube que elas tinham uma história muito parecida. O marido de Maria também havia ido para a guerra e ela estava cuidando do filho que ainda era bebê e tinha ficado com o vizinho que era incapacitado – e por isso não foi à guerra. No final do dia, recebeu o salário e viu que não era nem a metade do que o marido recebia. Ela foi reclamar com o patrão.

– Esse é o salário de mulher.

Ela voltou para casa, mas antes passou na feira para comprar comida e o dinheiro só deu para comprar farinha. Quando chegou em casa, seus filhos estavam com muita fome e comeram toda a farinha. Durante dias essa foi a rotina dela. De vez em quando ela recebia cartas do marido ou do filho com suas “últimas palavras”. Até que um dia ela recebeu uma carta em que o marido dizia que o seu filho desaparecera. Felícia não demonstrou nenhum sentimento de tristeza apesar de que, por dentro, ela estava arrasada.

No dia seguinte, conversando com uma das operárias da fábrica, ela soube que Maria estava organizando uma revolta e estava promovendo reuniões na sua casa, depois que o turno de trabalho acabasse. Nesse dia, Felícia foi à casa da Maria para participar da reunião. Dias se passaram e a revolta estava sendo planejada, o que elas queriam era diminuição da carga horária de 18 horas para 10 e o aumento do salário.

Felícia foi para mais um dia comum de trabalho na fábrica e percebeu que Maria não estava mais lá. Quando o trabalho acabou e elas foram para a casa dela, estava tudo revirado e, pior, Maria não

estava lá. Com o desaparecimento da mulher, todas as operárias ficaram irritadas e decidiram que iriam começar uma greve naquele momento. Elas tinham juntado dinheiro para ficar até um mês sem trabalhar. E, nesse tempo, muitas delas sumiram, outras foram encontradas mortas e mesmo assim elas não desistiram.

Passou-se um mês e nada havia sido conquistado, então Felícia tomou o comando dessa revolução e foi negociar com o dono da fábrica. Ele não cedia, não aceitava que elas pudessem ter um salário igual ao de um homem, porém elas continuaram firmes e conseguiram negociar 14 horas de trabalho e um aumento que igualava o salário delas a pouco mais da metade do que os homens recebiam.

Elas não se contentaram com pouco, criaram uma organização que atuava por toda a Inglaterra e, depois de muito tempo, conseguiram que a carga horária fosse diminuída para as 10 horas em toda a Inglaterra, além da proibição de menores de 14 anos de trabalharem como operários. Mesmo depois de todas essas conquistas, depois de anos de batalha, Felícia nunca viu nem seu marido nem seu filho outra vez, apesar de nunca ter perdido a esperança. A luta virou sua família.

Victor Hugo

Nós mulheres somos fortes,
mas os homens acabam com a nossa sorte.
Se o mundo parar de ser machista
isso será a maior conquista.

Na praia temos nossa diversão
e quando homens nos assediam
é tão chato, você não tem nem noção,
tanta irritação que chega a doer nosso coração.

Quando estamos na rua de short apertado,
homens nos olham com um olhar tarado.
Eles acham que fazemos de propósito,
mas não, o que queremos
é uma revolução.

Pedro Vilela

Uma mulher

Uma mulher vivia no século XX,
Época de guerra e dificuldade.
Uma mulher andava por ruas sujas,
Impregnadas de poluição e desigualdade.
Uma mulher trabalhava muito,
E ganhava apenas a metade.
A metade do que ganhava um homem
que tinha a mesma capacidade.
Uma mulher não podia usar roupas curtas,
não havia respeito na sociedade.
Uma mulher sofria diariamente,
Enquanto lutava por sua liberdade.

Laura Brandão

No século XIX, nasceu Jure-Ma, e, neste mesmo século, ela mudou o modo de viver da população mundial.

Quando Jure-Ma fez 22 anos, começou a organizar peças de teatro em que todos os personagens eram mulheres e ela, além de protagonista, era também roteirista, diretora e até atendente de bilheteria.

Suas peças eram as melhores do Japão, com mais público, mas também as mais vaiadas. As vaias, na maioria das vezes, vinham dos homens, e o motivo era a protagonista ser mulher.

Quando estava viajando para sua turnê, começou a pensar em como iria se apresentar, e em como fazer para não ser vaiada. Depois de várias horas pensando, teve uma ideia que não fazia muito sentido. O lance era botar uma substância na bebida de todos os homens, uma substância que faria com que as pessoas se transformassem em mulheres.

Esta ideia parecia loucura, por outro lado ela sabia que funcionaria, porque uma das atrizes da peça já passara por isso. Esta atriz se chamava Ma-Teus, mas depois de tomar a substância que trocava o gênero, passou a ser chamada de Jaci-Ara.

Jaci-Ara (quando ainda era Ma-Teus) tinha uma vida de dono de várias fábricas, era um capitalista típico, mas um dia as mulheres que trabalhavam em uma de suas fábricas começaram a fazer greve para que as dezesseis horas de trabalho fossem reduzidas. Neste mesmo dia, Ma-Teus trancou as mulheres dentro da fábrica, era dia 8 de março.

Sua amiga Jullie foi tentar acabar com essa tirania e então botou essa substância na bebida de Ma-Teus, que acabou se transformando em Jaci-Ara.

Ao chegar à Itália, Jure-Ma foi direto ao teatro e, além de preparar tudo, botou a substância nas bebidas dos espectadores.

Depois da primeira peça, várias vaias vindas de homens foram escutadas, mas o tempo ia passando e estes mesmos homens começavam a sentir mudanças em seus corpos e, no dia seguinte, todos eram mulheres.

Estes homens que viraram mulheres passaram a sentir na pele o dia a dia das mulheres em uma sociedade machista. Então Jaci-Ara, depois de sete anos passados do acontecimento, fez o efeito acabar e, quando os homens-mulheres

viraram homens de novo - a maioria capitalistas, chefes de fábricas - igualaram o salário e as horas de trabalho dos dois sexos e criaram a licença maternidade.

Os pais contam várias versões mentirosas de como começaram a igualar os direitos entre os gêneros, mas este é o verdadeiro. Só sentindo na pele para saber.

Pedro Corrêa

Os homens nos assediam
e não podemos falar para,
porque corremos o risco
de levar um tapa na cara.

Nós queremos fazer tudo
e muito mais, mas com tanto
machismo na rua
não encontramos a paz.

O machismo na rua
está muito na "ativa"
e daqui a pouco terei
que desenhar em mim,
o número da polícia.

O machismo na rua
não pode ficar assim
nós temos que fazer
o mundo meio a meio
e darmos ao fim
um novo início.

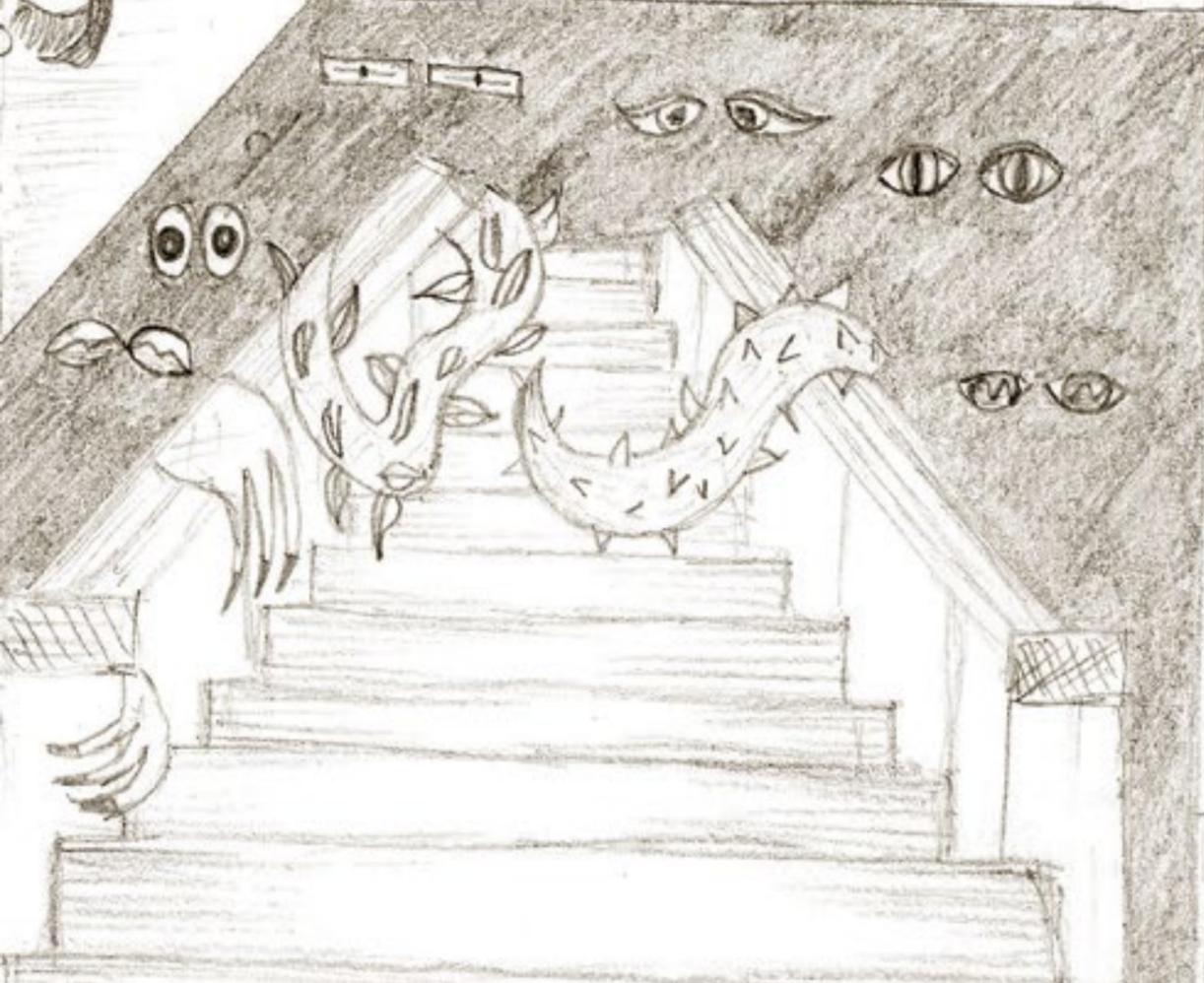
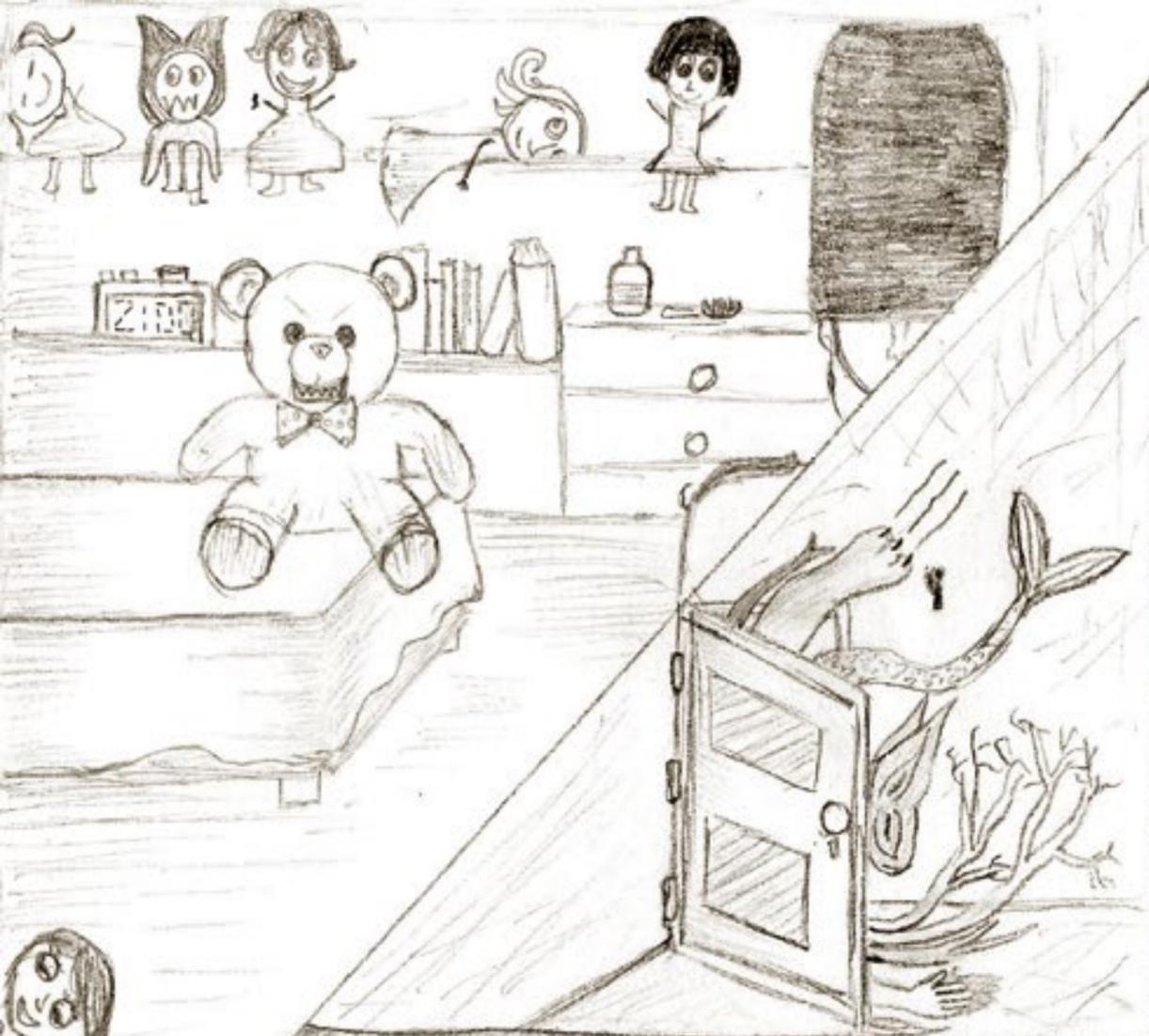
Leonardo Nunes

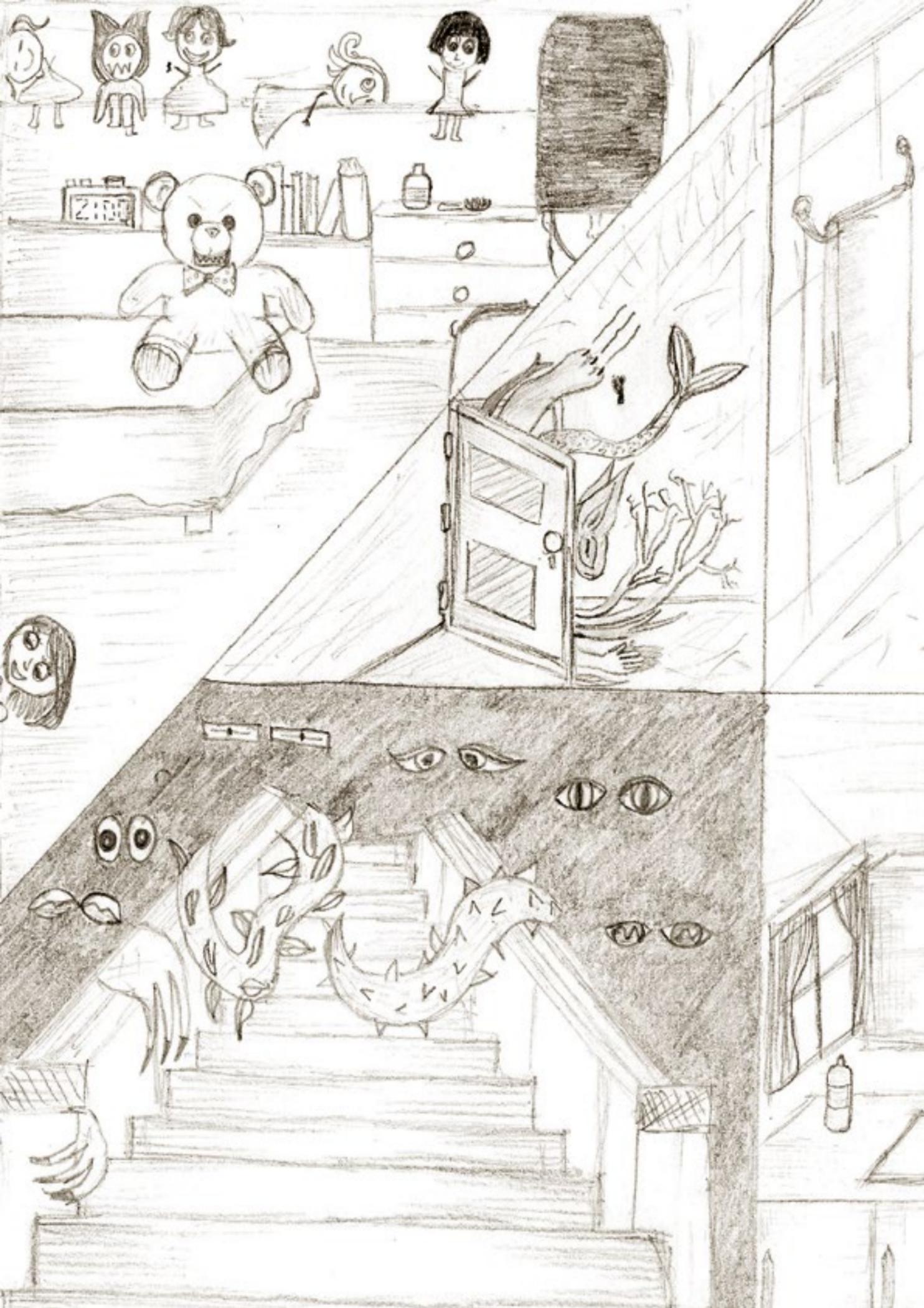
Mulher Forte

Mulher Forte, aturava todas as ofensas e injustiças de cabeça erguida.
Mulher Forte, lutava por seus direitos sem medo de ser discriminada.
Mulher Forte, sabia que nada nem ninguém a colocaria para baixo, não importava o quanto fosse injustiçada, abusada e xingada.
Mulher Forte, ela sabia que não era nada daquilo do que falavam, sabia que era bem melhor que a maioria que tentava abalá-la.
Mulher Forte, conseguia ser feliz mesmo em uma sociedade machista.
Mulher forte, se arrumava para ela, e não para os outros, não seguia o padrão de beleza da sociedade, seguia o seu próprio, único, e era muito feliz com ele.
Mulher forte, passava batom vermelho e usava shortinho, dizia que os homens que tinham que aprender a respeitá-la, não importava o jeito como se vestia.
Seria tão bom se todas as mulheres fossem fortes iguais a ela...

Sofia







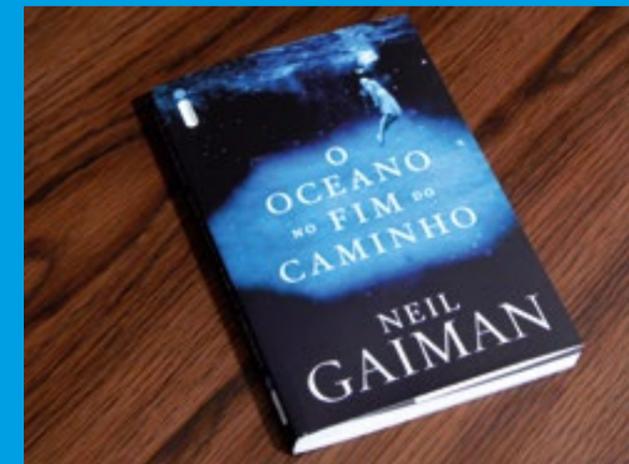
DOSSIÊ QUE O FAZ-DE-CONTA NÃO TERMINE ASSIM

*“Vem, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido.”*

“João e Maria”, de Chico Buarque

O tempo da Infância é o tempo da saudade. Não importa se já se passaram cinco, dez ou cinquenta anos, ela insiste em nós. E como não poderia deixar de ser, nesta Oficina de realidade e ficção, coçamos nossos eus de pernas curtas e cabeça cheia de lua, biscoitos e sonhos.

A ideia foi soltar a criança no play, já nos bastam os constrangimentos desse tal crescer. Você, leitor, ainda é capaz de brincar com você mesmo? Saia da poltrona do pensamento e comece a pular com nossos escritores.



“Adultos seguem caminhos. Crianças exploram. Os adultos ficam satisfeitos por seguir o mesmo trajeto, centenas de vezes, ou milhares; talvez nunca lhes ocorra pisar fora desses caminhos, [...] encontrar os vãos entre as cercas. Eu era criança, o que significa que conhecia dezenas de modos diferentes de sair do nosso terrenos [...]”

“O oceano no fim do caminho”, de Neil Gaiman

Obras e filmes de referência: “Coraline” e “O oceano no fim do caminho”, de Neil Gaiman / “O Fazedor de Amanhecer”, de Manoel de Barros / “Peter and Wendy”, de J. M. Barrie / “A maior flor do mundo”, de José Saramago / “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade / “A História sem Fim”, de Wolfgang Petersen

Menino formiga

Hoje acordei com muito sono e daqui a pouquinho vou para escola. Ontem fui dormir super tarde porque quando liguei a televisão tava passando O Homem Aranha, não resisti, assisti até o final.

Entrei no banho, enquanto minha mãe fazia meu café, botei o uniforme, comi correndo e fui pra escola.

Chegando lá, tive aula de português e história até a hora do recreio. Bateu o sinal. Saí correndo para a cantina pra comprar doces e fiquei na fila mó tempão até conseguir meu chocolate. Na hora de sentar, vi que não tinha mais lugar nas mesas, meu pé já tava cansado, então acabei sentando no chão mesmo.

Comecei a sentir um negócio estanho subindo na minha perna, quando olhei, uma formiga gigante e vermelha me picou. Minha perna ardia e coçava muito, tava toda inchada.

Até aí, as coisas estavam normais, mas, alguns minutos depois, percebi que eu estava me transformando. Minha boca começou a inchar, meu corpo se encheu de manchas vermelhas, meu olho parecia muito maior... então me lembrei do filme e não tinha mais dúvidas de que eu estava virando uma formiga, era óbvio.

Levaram-me para a enfermaria da escola, tentei explicar pra eles que não tinha mais jeito, eu estava cada vez pior, mal conseguia respirar e já podia sentir minhas patas nascendo.

Acordei no hospital, minha mãe e o médico me encaravam e pareciam estar assustados. Naquela hora, por alguns segundos, achei que a transformação já estivesse completa, até olhar para frente e ver meus braços. Não aguentei, comecei a chorar e explicar para eles sobre o meu medo de virar uma formiga. O médico, rindo um pouco de mim, me mostrou um papel e me explicou que tudo o que senti aconteceu porque eu tenho uma tal de alergia a insetos. Só isso.

Laura Brandão

Isso! Acabou a aula e agora vamos pro recreio! Peguei meu lanche e chamei meus amigos para brincar.

Vimos um cachorro e corremos atrás dele, mas ele não parava, e aí a gente tava muito longe dos adultos e muuuuito no meio da floresta.

Olhamos pra trás e tinham três cachorros grandes correndo na nossa direção, e aí

corremos bem rápido (estilo The Flash), mas eles também eram tipo The Flash. Porém o Super Wilson chegou e espantou os cachorros, nós voltamos com o Super Wilson e tomamos uma bronca da professora e dos nossos pais, que estavam muito bravos comigo, mas na verdade eu nem sei o porquê.

Cheguei em casa, comi um biscoito e falei pro meu irmão mais novo: o Super Wilson me salvou.

Pedro Villela

Fui a uma viagem para a Disney com a minha família, eu, minha mãe, meu pai e meu irmão. Quando nós chegamos lá, seguimos rumo a um brinquedo do Homem Aranha, era uma montanha russa e lá dentro era muito escuro.

Não dava para ver nada, então, repentinamente, veio uma luz e um calor. Achei que fosse um fogo de verdade no momento (e talvez fosse mesmo!), mas não me acertou. Ao sair do brinquedo, perguntei para o meu pai o que era aquilo, se era fogo de verdade, porém ele não sabia responder. Eu queria muito perguntar para o homem da bilheteria, achando que ele saberia o que era aquela coisa, só que meu irmão estava com dor de barriga e, como meu pai não queria nos separar, não pude perguntar. À noite, não consegui dormir, eu estava pensando muito no brinquedo, imaginando que alguém queria me matar, por isso me protegi com a minha coberta mágica e fui dormir. Enquanto eu estivesse com a coberta, ninguém conseguiria me pegar. O resto da viagem foi comigo sempre olhando para trás e com medo de ir nos brinquedos.

Numa galáxia muito distante, uma guerra estava acontecendo há vários séculos, tão logo ela foi chamada de Grande Guerra. Os dois principais planetas eram Naboo e Bonaa.

Esta guerra estava durando realmente muito tempo e gastando muitos recursos, daí os dois lados decidiram fazer uma investida com tudo que tinham. Enquanto a batalha estava acontecendo, uma nave que passava por lá transportando refugiados foi atingida. O capitão e muitos passageiros morreram e junto deles os pais da nossa protagonista, que ainda era um bebê.

Anos se passaram e esse bebê cresceu e recebeu o nome de Sarah. Ela era diferente dos outros, já que era mais forte, rápida e tomava decisões certas em momentos difíceis, foi escolhida como capitã para fazer uma expedição num pequeno planeta chamado Terra. A missão de exploração ainda demoraria um pouco, mas não havia como esperar mais e a nave acabou invadida por piratas. Com a cápsula de emergência, os tripulantes conseguiram mandar Sarah para a Terra – agora ela vai ter que sobreviver num planeta, provavelmente inabitado, somente com a roupa em seu corpo.

Semanas se passaram desde a invasão à nave e ela não havia visto nenhum sinal de ninguém da tripulação. Logo acreditou que não havia mais ninguém vivo. Teve dificuldade no começo, mas, depois de um tempo, ela se acostumou com a ideia de seus companheiros mortos, e acabou encontrando uma base militar – o que significava que havia pessoas ali. Assim, ela teve a brilhante ideia de invadir a base pirata com uma das naves que havia na base para ver se encontrava algum amigo vivo.

Como a base pirata estava na órbita da Terra, não foi muito difícil invadir, porém, ao chegar lá, teve uma grande surpresa. Viu vários de seus companheiros trabalhando como escravos. Sarah se infiltrou em meio aos trabalhadores e começou uma rebelião. viu-se ao longe uma grande luz, um fogo, muitos de seus amigos morreram. Aqueles que sobraram foram com ela para a Terra viver em paz.

Gabriel

O dia em que quebrei meu braço

Certo dia, acordei, fui tomar café, banho e tudo o mais. De tarde ia ter uma pelada às 4h, então fui almoçar e depois dormi até as 3h. Lembro que tive um pesadelo muito ruim e me levantei com o coração batendo na velocidade da luz, é serio! Fui tomar banho de novo, estava meio sonolento.

Às 3h30 cheguei ao campo, falei com todo mundo, botei a chuteira e esperei os demorados, intermináveis, trinta minutos.

O jogo começou com o meu adversário passando pela esquerda e, do nada, um cara veio e me

deu um carrinho – voei muito alto, acho que cheguei muito perto das nuvens. Caí em cima do meu braço. Fiquei muito nervoso, parecia que meu braço ia explodir de tanta dor.

Chegando ao hospital, comecei a chorar, porque pensei que iam tirar meu braço, mas no final deu tudo certo. Fui para casa triste sabendo que iria ficar sem fazer exercício físico por um mês. Me aguardem.

Leonardo Nunes

Levantei a cabeça do travesseiro quando escutei a voz dos meus pais gritando novamente. Coloquei meus pés para fora da cama, vesti minha pantufa rosa e azul de bolinhas e fui até a escada.

— Não acredito que você fez isso de novo! Eu te perdoei da outra vez, você disse que ia parar de se encontrar com ela – minha mãe chorava. Será que ela tinha se machucado e precisava ir para o hospital? Gotinhas de lágrimas saíam de meus olhos.

— Me perdoa, meu amor! Você sabe que eu te amo – meu pai estava ajoelhado a sua frente e chorando também.

Comecei a chorar sem saber o que estava acontecendo. Meus pais perceberam que eu estava ali, secaram suas lágrimas e meu pai se levantou.

— Filha! – minha mãe gritou – sobe, por favor!

— O que aconteceu, mamãe?

Ela veio em minha direção correndo.

— Mamãe, você tá doente? Aconteceu alguma coisa com você? É por isso que você e o papai estão chorando?

Ela se ajoelhou na minha frente e colocou meus cabelos atrás da orelha.

— Meu amor, o papai e a mamãe só estão tristes porque aconteceu uma coisa muito ruim.

Agora, sobe e volta a dormir, por favor – Eles estavam tristes. Será que a culpa era minha?

— Mas... Por que vocês estão tristes?

— Depois a gente conversa. Sobe.

— Me fala! – comecei a chorar alto. Não gostava quando as pessoas não me contavam o que eu queria saber. Comecei a berrar e logo meu pai estava do lado da mamãe. Ela olhou feio pra ele.

— Eu estou conversando com a minha filha, você pode sair, por favor? – minha mãe falou, olhando com raiva para ele. Ela nunca o havia olhado assim, era sempre com amor.

— Posso falar com ela agora? – meu pai tocou seu braço e minha mãe o afastou.

— Não, não pode – ela se virou para mim novamente – Sabe o que aconteceu filha? Bom, uma bruxa muito, muito feia enfeitiçou o papai e por isso ele fez uma coisa muito errada. E por causa disso o papai irá sair da nossa casa até que a bruxa tire o feitiço dele, porque esse feitiço deixa o papai malvado e ele só vai voltar para casa quando ele estiver bonzinho e ela tirar o feitiço dele. Mas, filha... isso pode não acontecer e ele pode ficar enfeitiçado para sempre.

Comecei a chorar mais e corri para longe do meu pai. Ele também começou a chorar e veio em minha direção.

— SAI! – gritei com toda a força.

Corri para o meu quarto, me enrolei nas cobertas e chorei até o despertador tocar.

Maria Júlia

Foi o acidente mais horrível de todas as galáxias. Eu estava em um bar comendo minha batata frita e tomando minha Fanta Uva com meus pais, primos, tios, avós, irmão e vários estranhos que traziam comida quando meu pai pedia.

Eram quase duas horas da tarde, quando ouvi uma música que vinha do carro do meu aliado, o vendedor de sorvete, então, pulei da minha cadeira, que deveria ter uns sete metros de altura e sai correndo em sua direção. Não sei o porquê, mas meu pai começou a correr atrás de mim e aí eu tropecei e caí na rua. Um carro que estava muito rápido passou por cima do meu corpo, mas eu dei um soco nele e então ele capotou e explodiu.

Desde este dia, eu descobri que tinha superforça... Comecei a ganhar todas as quedas de braço entre meus amigos que eram enormes. Também comecei a lutar, mas parei por um bom motivo: eu tinha que brincar em casa com meu pai.

Uns dias depois, ele veio me contar esta história, mas do ponto de vista dele. Ele falou que eu estava sentado na escada do jardim de casa e ele estava cortando a grama do jardim, então eu saí correndo eu sua direção, porque estava escutando o barulho do cortador de grama e meu cachorro, chamado Spyke, correu atrás de mim. Tropecei numa pedra, caí em cima do meu pai, que também caiu, gritou de dor e depois foi para o hospital.

O médico disse que ele tinha quebrado o braço e machucado o joelho... As quedas de braço que eu achava que tinha ganhado eram contra ele, e era contra o braço quebrado dele... As lutas que eu tinha eram com a minha mãe e, no final, eu ficava de castigo.

Bom, não sei qual é a verdadeira, mas a minha versão é mais divertida e, além de tudo, é feita por mim: Pedro Corrêa, o melhor filho do mundo!!!

Pedro Corrêa

Um dia para não lembrar nunca

Outro dia eu acordei e parecia que a minha cabeça iria explodir, ela estava ardendo muito que nem brigadeiro na panela, estava pegando fogo que nem a cabeça do Tocha-Humana.

Minha mãe foi trabalhar e eu tinha que dar um jeito de esfriar minha cabeça, então eu corri pro freezer, peguei um pedaço de gelo que fica no teto e chupei. Não deu certo, então eu pensei: “E se eu ficar dentro do freezer”? Entrei em uma das prateleiras e fiquei lá por horas, só que também não deu certo, minha cabeça parecia a Tocha Olímpica Rio 2016, o fogo nunca apagava. Só que eu lembrei que um dia minha mãe falou que banho é remédio pra tudo e, mesmo que eu não gostasse, era melhor do que a minha cabeça explodir. Em um segundo eu cheguei ao banheiro, mas quando eu estava quase ligando o chuveiro, a luz acabou.

Entre em desespero, estava prestes a morrer, minha cabeça só piorava e eu só tinha alguns minutos de vida. Por isso decidi aproveitar esse final de vida fazendo o que eu mais gostava, mergulhando na piscina. Fui rapidinho para o quintal e dei o meu melhor pulo de bomba, mas, para o meu azar, minha mãe chegou bem na hora e me botou de castigo por um mês, sem poder jogar videogame.

No final da história, só teve um lado bom: minha cabeça não explodiu.

Victor Hugo

Minha casa é um lar de monstros

Eu vi, foi como em todas as outras noites. Será que é um sonho como mamãe fala? Não, não pode ser, eu sei o que eu vi, aquela luz, a luz que surge de dentro do meu closet, que ilumina meu quarto com cores que eu nunca tinha visto e traz sons estranhos que nunca tinha escutado antes. Um dia eu ainda tomo coragem e descubro o que há lá dentro.

Assim que acordo, vou até a cozinha cantarolando uma melodia de hambúrguer não sei nem o porquê, mas pode ser devido à falta de comida em meu organismo. Assim que penso sobre isso minha barriga ronca confirmando a minha hipótese.

– Mãe! – grito, mas ninguém me responde.

– Mãeeee!!! – grito mais alto, mas não ouço

uma resposta. Assim que me viro, percebo um bilhete na geladeira.

“Meu amor, volto logo, qualquer coisa me liga ou fale com a sua irmã.”

*Beijos,
Mamãe.”*

– Coma assim ela saiu? E agora, como vou sobreviver? Vou morrer de fome! - Falo desesperado até que olho para a despensa.

– Ih, salgadinhos! – Pego um pacote e me dirijo à geladeira, tento abri-la, mas não consigo, tento mais uma vez e sinto como se alguém a estivesse tentando fechar enquanto eu tentava abrir.

– Será que isso tem a ver com as luzes do meu closet? – A curiosidade estava me corroendo.

Tento abrir pela última vez, mas dessa vez aplico minha força de Hulk, então, sem demorar muito, ganho a batalha, revelando ali dentro braços de diferentes formas e texturas que o homem nunca havia presenciado na vida. Dou um pulo para trás, me assustando com o que acabara de ver, permaneci imóvel, observando a porta da geladeira encostando.

Saio correndo e gritando, parecia um louco, mas precisava sair daquela cozinha o mais rápido possível. Fui em direção às escadas sem ao mesmo ter certeza de onde gostaria de ir. Tentei diminuir minha velocidade, mas era tarde demais, caí no chão. A dor que sentia em meu joelho era grande, mas, naquele momento, nem liguei, pois havia olhos na escada me observando. Fechei meus olhos com força como se assim fosse impedi-los de fazer qualquer coisa comigo. Corri escada acima tropeçando em meus próprios pés.

Chegando ao segundo andar, me obriguei a abrir os olhos, precisava manter a calma, jogar um pouco de água no rosto, então foi exatamente o que fiz. Levantando meu rosto, vi algo que fez o ar de meus pulmões sumirem, me dando a certeza de que estava branco como um fantasma. A alguns passos a minha frente, um polvo gigante se deliciava com a água de minha banheira. Precisava achar um lugar seguro.

Entre naquele cômodo, ignorando as placas de “Não entre”, “Proibido”, deveria estar ficando louco mesmo, sabia que aquele era um local perigoso e sem dúvidas estava correndo risco de vida, mas era melhor morrer ali do que lá fora. Encostei a porta sendo o mais silencioso possível, me permitindo dar uma olhada em volta sem ser pego, virei e me deparei com um soldado de dois metros de altura me observando, parado, apenas com seus olhos seguindo cada movimento feito

por mim. Dando mais uma olhada em volta, pude perceber a burrada que acabara de fazer, estava no quarto de minha irmã, o quarto da rainha dos monstros, em suas prateleiras encontravam-se fileiras deles. Sobre sua cama havia um urso horrível mais ou menos do meu tamanho. Quando estava prestes a sair do quarto, escutei passos atrás de mim, virando-me, vi de longe o monstro mais feio de todos – minha irmã – e ela finalmente se assumiu como a rainha dos monstros, pois estava com um treco verde e nojento no rosto, me olhando com a mais pura raiva.

– Sai daqui agora! – berrou em meus ouvidos.

Já no meu quarto, pulei em cima da cama, e tive total visão dos braços que saíam de meu closet, fechei os olhos e repeti para mim mesmo que tudo ia ficar bem, adormeci enfim.

Minha mãe havia saído, desci as escadas e fui em direção à cozinha. Ao fechar a geladeira não pude não me lembrar daquela mesma situação, mas que na época não via o óbvio, alguns vegetais acabaram ficando metade para fora da geladeira, de certa forma pareciam braços, não pude evitar e ri, mas logo me recompus e subi as escadas. E isso me trouxe novamente uma lembrança, aqueles tais olhos que vi, eram apenas enfeites nas paredes que com o tempo foram substituídos por quadros. Já no segundo andar, fui ao banheiro para escovar os dentes, pois havia acabado de comer uma maçã. Acabando, fui preparar a banheira para tomar um banho, levantei os olhos que estavam em direção à banheira e os levei até a prateleira de shampoos, sentindo falta de um certo polvo de brinquedo que antigamente ficava ali, mas que, na época, me dava muito medo.

Enquanto a banheira enchia, fui procurar minha toalha que, por acaso, estava no antigo quarto

da minha irmã, que agora era apenas um quarto de hóspedes. Sentei na cama e observei ao meu redor. Não conseguia parar de pensar em como era medroso, eram apenas brinquedos nas prateleiras e um soldadinho de um metro e meio perto de sua porta, o qual compramos em uma viagem à Disney e aquele treco no rosto da minha irmã era uma máscara de hidratação facial. Ah, como eu sinto falta da minha infância, agora estou terminando o Ensino Médio e minha irmã, não tão monstruosa assim, já está casada.

Vou ao meu quarto pegar minhas roupas e encontro meu closet como estava há 10 anos, as

mangas dos meus casacos para fora do quarto dando a impressão de serem braços. Lembro-me de ficar com isso na cabeça, não conseguia nem dormir mais no meu quarto de tanto medo, até que um dia eu cresci e amadureci e percebi que eram apenas simples casacos, mas aquela luz, (ah, aquela luz!) nunca descobri o que era... e também acho que não quero descobrir, gosto de pensar que realmente havia um mundo secreto em meu closet.

Um pouco de fantasia na vida não faz mal, prefiro viver em um mundo assim a viver em um mundo que não acredita em sonhos.

Camila e Morena

Se tem uma coisa que eu odeio, é acordar cedo para ir para a escola, porém neste dia eu estava animada e ansiosa para ter aula.

Cheguei à escola e fui falar com meus amigos, a gente tava se divertindo muito até que chegou uma senhora gorda. Ela começou a me olhar com seus olhos de fome, me pareceu que tudo havia congelado. Ela sugou minha felicidade com seus poderes malignos e soltou uma frase que quase me matou: "Sou a professora substituta".

Não estava acreditando que teria que passar um dia inteirinho com esse monstro sugador de felicidade e com olhos de fogo. Passei o dia todo evitando olhar para ela.

Na hora do recreio, eu e meus amigos tentamos armar um plano para derrotar e vencer esse monstro, porém não sei por que ninguém acreditava quando contávamos o que ela era capaz de fazer. Imaginamos que talvez o monstro fosse imortal, mais poderoso do que realmente imaginávamos... se o monstro não podia sair da escola, eu teria que sair.

Liguei para minha mãe e falei que estava me sentindo muito mal e ela veio me buscar.

Finalmente, estava indo para a casa e, quando olhei pelo vidro do carro, o monstro estava na janela da sala olhando para mim, fixamente, com os olhos pegando fogo. Não sei dizer, ao fim de tudo, eu tinha vencido o monstro?

Sofia

Estava envolto por barulhos. Meu irmão parecia estar com fome e, para não corrermos perigo, fomos juntos procurar o que comer. Frutas – foram as pestes da noite que nos fizeram comê-las. Voltamos para a cabana como ninjas, e apesar de tudo, estávamos bem. Meu irmão deveria dormir, então resolvi ficar de escolta à noite.

Por volta das 3h da manhã, escutei pisadas no chão gelado da noite. Peguei a lanterna mística e logo apontei para o lugar do barulho. Só tinha chão e, enquanto o tempo passava, mais frio ficava. Eu embrulhado em meu cobertor gigante, já estava sentindo uma leve sensação de sono. Friozinho e com cobertor gigante,

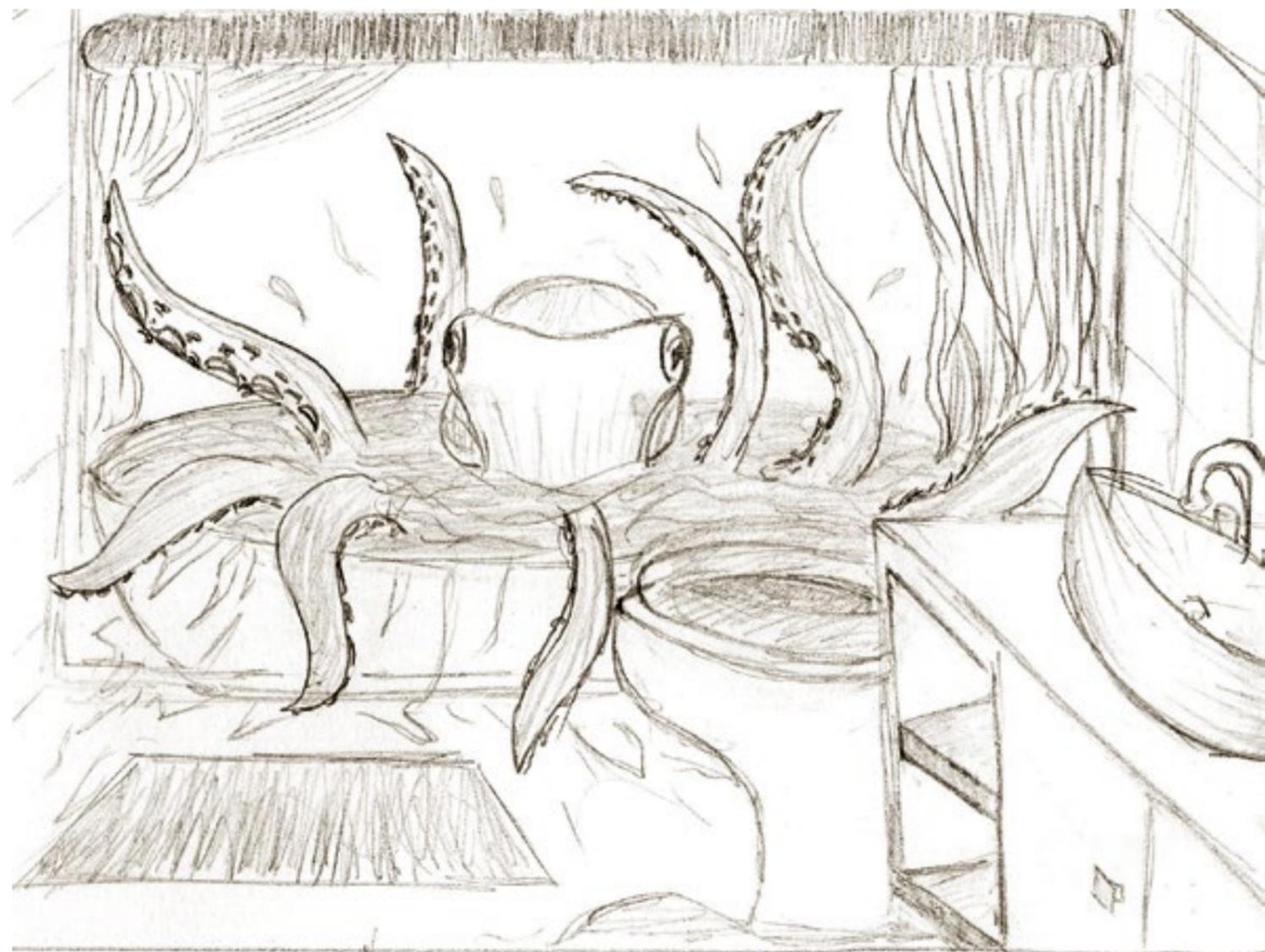
quem resistiria a uma noite de sono?

Acordei no meio da noite, não sei o quanto restava para o amanhecer. Meu irmão já não estava mais dormindo, ele tinha desaparecido. Saí da cabana e a luz do Sol já estava quase aparecendo no céu inteiro. E foi quando ouvi um grito!

– JOÃO, JÁ ESTA NA HORA DE TOMAR SEU BANHO!

Era minha mãe, ela logo acendeu a luz do meu quarto, e saí da minha cabana com o Sol forte no rosto. Meu irmão saiu do banheiro todo arrumado, e já era minha vez!

João Pedro



"Sê plural como o universo"

Fernando Pessoa



Quantas almas temos? O poeta Fernando Pessoa respondeu esta questão ao longo de sua obra, sem deixar para nós, aflitos leitores, uma mensagem definitiva. Seus heterônimos, outras personalidades criadas dentro de si, tinham nomes, histórias e angústias que nos fazem imaginar ao menos cem homens vivendo no íntimo do poeta.

Em carta a um amigo, Pessoa comenta sobre a criação de todos eles:

"Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa."

Se fôssemos outros, quem seríamos? A lírica pessoana nos convidou a mergulhar no oceano de nós mesmos, encontrando novos "eus"... nossos heterônimos. Aqui se apresentam alguns, esperamos que gostem de conhecê-los.

Obras de referência: *"Cancioneiro"*, *"Livro do desassossego"*, *"Poesia completa de Álvaro de Campos"*, *"Poesia completa de Alberto Coeiro"*, *"Poesia completa de Ricardo Reis"*, de Fernando Pessoa / *"O ano da morte de Ricardo Reis"*, de José Saramago



Meu nome é Alexandre Ferreira, atualmente moro em São Paulo, cidade em que eu nasci, mas já morei no Rio de Janeiro para estudar Letras na PUC. Nasci em 1984, tenho 32 anos e estou trabalhando em uma biblioteca pouco conhecida aqui em São Paulo, onde costumo passar a maior parte do meu dia. Aproveito para ler os diversos livros que são abandonados pelos leitores e, às vezes, converso com alguns dos meus clientes mais fiéis. Nunca estudei em escolas, minha mãe me deu aulas até os 18 anos quando entrei para a faculdade.

Alexandre Ferreira

O Mistério das Ideias

Não sei se com vocês é assim, mas no banho é onde surgem as melhores ideias. Então agora eu falo de uma das minhas maiores fontes, o banho. Algumas de minhas histórias que você talvez já tenha lido como a do Leão Cego ou do Arco-íris e a Lua caíram direto do chuveiro na minha cabeça.

Outro dia estava conversando com uma senhora sobre o assunto e ela me contou que também lhe acontecia o mesmo, mas ela não encontrava apenas histórias, encontrava soluções para problemas antes impossíveis de se pensar e contou-me de um caso que retratava essa situação.

Havia comprado uma cortina nova, com aquele cheiro de embalagem, e estava, com ajuda do jardineiro, montando-a em sua sala. Ferramenta pra cá, ferramenta pra lá e a cortina finalmente se aconchegou na parede. Mas uma peça estava sobrando, o velcro. A senhora começou a pensar, pensar e pensar, mas não descobria a função da peça que evidentemente não estava lá por engano (constava em sua embalagem que o velcro deveria estar presente). Até que, banhando-se, ouviu um profundo estalo em sua cabeça, a solução. No dia seguinte encontrou-se com o jardineiro e juntos solucionaram o problema. O velcro tinha como finalidade não deixar que o bastão que segurava a cortina escorregasse em seu próprio suporte.

Curioso sobre o assunto, fui procurar saber mais na internet e encontrei um artigo falando de um assunto parecido. No artigo, o escritor falava de grandes artistas e cientistas como Picasso, Monet, Darwin e Einstein, todos eles com “problemas” de atenção, ou seja, eram distraídos. Foram mencionados nesse mesmo artigo alguns estudos que faziam relação com a presença de mais de um pensamento na cabeça e a criatividade.

Sendo assim, não foi difícil chegar à conclusão de que o banho é uma das horas em que nós estamos mais distraídos e, por isso mesmo, mais criativos.

Alexandre Ferreira

Eu, só eu, apenas eu que não consigo o que quero, e consigo o que não quero. É sempre assim, perdi meu coração num mar de lágrimas, banhando o continente da minha emoção.

Solidão é o que está preso em meu coração, estou sentindo algo diferente em mim, algo estranho (que vou vencer sim).

Não sei se vou mudar, não tenho certeza, mas a vida é dura e não tem moleza, dizia desde pequeno. Chegou minha hora, vou embora, vou agora...

Emílio Sales

Nasceu em 1989, no Brasil, Rio de Janeiro. Sempre foi pobre, vivia no “sinal” fazendo malabarismo com bola de tênis. Vendia bala, pedia comida ou pegava do lixo. Do dinheiro que ele recebia, não gastava um tostão.

No ano 2010 ele conseguiu juntar um milhão de reais. Porém, no dia seguinte, o roubaram.

No dia seguinte ao seguinte, morreu com uma enorme dor no coração.

Stephan Goulart

viva com o bem, e não de bens.

lute, ajude, torne-se global
e não vá para o lado do mal

não roube, trabalhe, corra atrás
e principalmente acolha a paz

corra atrás e estude
e se você roubar, mude

faça amizades, aproveite a vida
seja um amigo ou uma amiga, só faça

para esse rap de respeito
eu do um fim, contando que todos
levem isso no peito

Stephan Goulart

Ele nasceu em uma cidade no Canadá, seu nome é Alexandre e sempre foi muito calmo e preguiçoso, do tipo sonolento. Irritava-se com coisas idiotas e seu sonho era viajar para todos os principais países de todo o continente, mas não tinha o dinheiro necessário.

Assim, toda a semana ele tentava a sorte na loteria com a esperança de ganhar um bom dinheiro e conseguir realizar seu desejo. Fez faculdade de Engenharia e gostava muito do seu trabalho, mesmo não oferecendo a estabilidade que buscava.

Alexandre queria muito realizar o seu sonho, mas ele não esperava que no dia de seu aniversário ele conseguisse fazer isso. Ganhou na loteria e começou a sua viagem por mais de 70 países do mundo todo, o que lhe deu certa soberba.

Hoje eu vou contar uma história sobre uma situação que aconteceu comigo enquanto eu estava em uma de minhas viagens pelo mundo. Foi na América do sul, mais precisamente no Brasil, cidade do Rio de Janeiro.

Estava apenas caminhando pela cidade, esperando a hora do almoço, porque nesse horário eu achei que a fila ficaria menor para ir ao Cristo Redentor. Quando eu ia chegar lá, acabei sendo abordado por dois homens, mas não entendi nada do que eles estavam falando, e, do nada, um dos deles apontou uma arma para mim gritando:

– PASSA TODA A GRANA!

E eu respondi imediatamente:

– NÃO ESTOU ENTENTENDO!

Puxei meu dinheiro, porque achei que era isso que eles queriam. Alguns segundos depois, um barulho de sirene e os policiais saíram do carro perseguindo estes caras. Algumas horas depois, eles foram presos e eu recuperei meu dinheiro.

Nunca mais volto lá.

Alexandre

Bruno Constantin de Almeida nasceu em 1907, em Barrow, no Alasca. Morava com seus pais em uma casa bem simples. Gostava de caçar alces e pegar maçãs para sua mãe preparar no almoço. Também gostava de ir com seu pai pescar salmão, de preferência daqueles grandes, que serviriam para três dias como jantar.

Era uma pessoa calma, que de fato quase nunca se irritou na vida. Amava os animais. Mas em 07/09/1926, seu pai decidiu caçar alces com ele, e enquanto o filho recarregava sua arma, sete alces correram na direção de seu pai, deixando o menino órfão desde este dia, que o marcou acima de todos os outros.

(“Vou acordar amanhã, igual a todas as vezes que acordo cedo, mas estou sentindo que algo estranho está por vir, algo horrível”).

Acordei e levei meu pai para caçar alces comigo. Estávamos em cima da montanha e, neste dia, muitos animais não estavam na região de costume, então fomos para outro lugar. Enquanto caminhávamos, percebi que os alces da montanha estavam nos seguindo desde que saímos.

Chegamos aos limites de um precipício, recarregando nossas armas, e foi quando olhamos para trás: sete alces nos cercando! Não dava tempo de atirar, o que me levou a pegar uma maçã que tinha no bolso lançá-la neles, que ignoraram minha ação... queria algo maior. Vieram correndo para cima do meu pai dando cabeçadas e patadas. Eu, sem uma reação de coragem espontânea, sai correndo de volta para casa.

Ao chegar a casa, contei a minha mãe o que havia acontecido. Ela me disse que sempre fora assim – quem sempre caça, um dia é caçado. Depois deste dia, voltei a caçar, mas não por comida, e sim por raiva dos animais que não amo mais.

Bruno Constantin

Nasci no dia 19/09/1986, na Finlândia. Nos meus cinco primeiros anos de vida, meu cabelo era liso e loiro, mas depois escureceu, sendo agora preto e bem longo. Tenho olhos azuis.

Voltando para o passado, quando eu era bem pequena, gostava muito de jogar basquete e queria ser policial. Quando cresci, me mudei para a França, perto da praia e aprendi várias coisas novas. Fiquei por três anos sem saber o que fazer e acabei virando escritora.

Eu adorava filmes de ficção científica e lá -nas histórias - , normalmente há várias galáxias diferentes por onde se viaja bastante. Foi justamente de lá (ainda estou me referindo às histórias) de onde tirei esse negócio de adorar me mudar para conhecer lugares novos e diferentes. Fui bem sucedida, em minha opinião, e acho que hoje em dia tenho uma vida muito saudável e feliz.

Nunca fui para a Austrália e essa será a minha próxima viagem.

Luana Korhonen

Adeus?

Eu me pergunto se tudo o que fazemos é porque realmente escolhemos, não é Deus quem dita como devemos ser ou com quem devemos viver e o que fazer? Somos nós que criamos nosso próprio caminho, certo? Então por que sinto que não estou fazendo o certo? Por que sinto que alguém está me levando a fazer isso?

Estou triste, estou muito triste, essa cidade me trouxe tanta coisa boa, tantas memórias maravilhosas, então por que tudo piorou de uma hora para outra?!

Eu li uma vez um texto que dizia que tudo o que a vida nos traz, ela pega algo que seja mais ou menos do mesmo valor. A vida me deu tantas coisas, então quer dizer que tudo que está acontecendo é a troca?

As folhas das árvores caem, parecem lágrimas, as lágrimas que quero chorar, mas não saem.

Eu perdi tudo, minha mãe, meu pai endoidou, perdi tudo o que era importante para mim, todos me abandonaram, até mesmo em suicídio eu já pensei, mas sabe... Eu sou covarde demais para isso, é por isso que eu digo que suicidas são os mais corajosos.

Quando eu era pequena, eu odiava me machucar e dizia que nunca sairia de casa, assim nunca sentiria dor novamente, minha mãe assim me disse:

“Existem dois tipos de dor, a dor física que é mais fácil de curar e a dor do coraçãozinho, essa é a mais difícil...”

Não entendi o que minha mãe quis dizer naquela hora, mas hoje entendo perfeitamente, não há remédio que cure a dor que estou sentindo, não há forma de trazer minha mãe de volta e curar meu pai para que ele possa ser meu novamente, e isso é o que mais dói. Queria abraçá-lo, queria apenas ficar ao seu lado e ouvi-lo dizer:

“Vai dar tudo certo, afinal eu estou aqui...”

Então por que, vida? Tudo o que você me deu até agora você tira? Eu me sinto tão vazia, quero chorar, quero gritar, quero tudo de volta, quero ser feliz de novo. Devia ser o melhor ano da minha vida, eu ia me casar, eu... Talvez ela esteja certa, não há nada aqui para mim...

-
- O que vai adiantar para Luísa Moreira? O que vai adiantar você ficar chorando?
 - O que quer que eu faça?

– O que você quer fazer?

– Como assim?

– Sua mãe faleceu, seu pai não lembra mais de você, o seu noivo te deixou... O que há para você nesse lugar?

– Nada.

– Exatamente, não há nada, viva, comece tudo de novo, uma vida nova, tudo do zero, viva e prove a sua mãe que realmente gosta dela, ela te trouxe ao mundo, ela te criou, não para que ficasse assim, mas sim para que você vivesse... Luísa você ainda é jovem e vive em um mundo gigantesco, cheio de pessoas e oportunidades, vá explorá-lo, porque ficar assim não vai levar em nada, então viva...

– Falar é fácil, tia, mas, se eu for morar em outra cidade, o que eu vou encontrar? Um futuro talvez?

Viro-me e vejo um garoto mais ou menos da minha idade me olhando, ele tem um olhar sincero e bonito...

– Desculpe, eu só pensei que você precisava de uma resposta pelo seu olhar...

– Meu olhar?

– E afinal, sem querer ofender, você parece tão vazia, se anime, afinal, você está se mudando, certo? Uma nova vida, novas pessoas, até mesmo as mágoas podem ser saradas com o tempo e, lógico, não irão sarar imediatamente, mas no momento certo você vai aceitar e vai conseguir viver novamente!

– Obrigada, você disse tudo o que eu queria ouvir.

– Sério? Fico feliz...

Ele dá um sorriso e droga... Ele é muito lindo, seus olhos são como o azul do céu, seus cabelos escuros caíam sobre eles, eu não havia percebido o quanto ele era atraente.

– Arthur.

– Ah?

– Meu nome é Arthur.

– Ah, eu me chamo Luísa, prazer.

– Você tem uma voz bonita.

Imediatamente coro.

– A propósito, você já visitou algum lugar da cidade?

– Ainda não.

– Ah, que ótimo, assim eu posso te mostrar toda a cidade.

– Como assim?

– Ora, ora, não posso deixar uma moça tão linda como você simplesmente escapar...

Luísa Moreira

A mente é um universo
E é cheia de verdades,
Mas também cheia de mentiras
E com numerosas idades.

Uma vez dentro dela,
Difícil de sair
Com tantos sonhos divertidos
E pra lá você quer ir.

Cheia de pensamentos ela é.

Luana Korhonen

Estou trancada em meu quarto faz dois dias graças a minha irmã. Ela contou ao nosso tio - o Rei - que, durante a tarde, quando cavalgasse pelos arredores do castelo, eu iria, na verdade, me encontrar com meu melhor amigo, um camponês, criado por seu avô, o chaveiro da região.

Vocês devem estar se perguntando... Qual é o problema... Ora, o problema é que ele é um camponês e eu sou filha de nobres e, para o meu tio, nenhum nobre deveria ser amigo ou simplesmente conversar de igual para igual com um simples camponês. Há um segundo problema, pois os pais dele foram considerados traidores por mexerem com bruxaria, perseguidos e mortos segundo a vontade real, ou melhor, pelo comando do meu tio.

Isso não vai ficar assim! O rei tem que entender que mesmo que os pais dele tenham sido traidores, não significa que ele também seja... e que eu confio nele, é um bom menino, meu melhor amigo.

Anônimo

Henrique Alves nasceu em 1980, na comunidade da Mangueira. Filho único de um trabalhador e de uma dona de casa frequentou escolas públicas até o Ensino Médio, época em que era muito conhecido por sua inteligência. Seu maior sonho era ser jogador de futebol, desde muito pequeno amava jogar bola no campinho e recebia muito incentivo do seu pai.

Com apenas 11 anos, perdeu o pai, vítima de uma bala perdida, e cresceu com sede de justiça, já queria fazer valer as leis e combater a criminalidade da qual sua família tinha sido vítima.

Aos 17 anos foi aprovado para a UERJ, e começou a cursar Direito, se formando cinco anos depois, após muita luta e dedicação.

Henrique estudava muito, quase não saía e passava horas em bibliotecas lendo e lendo mais livros.

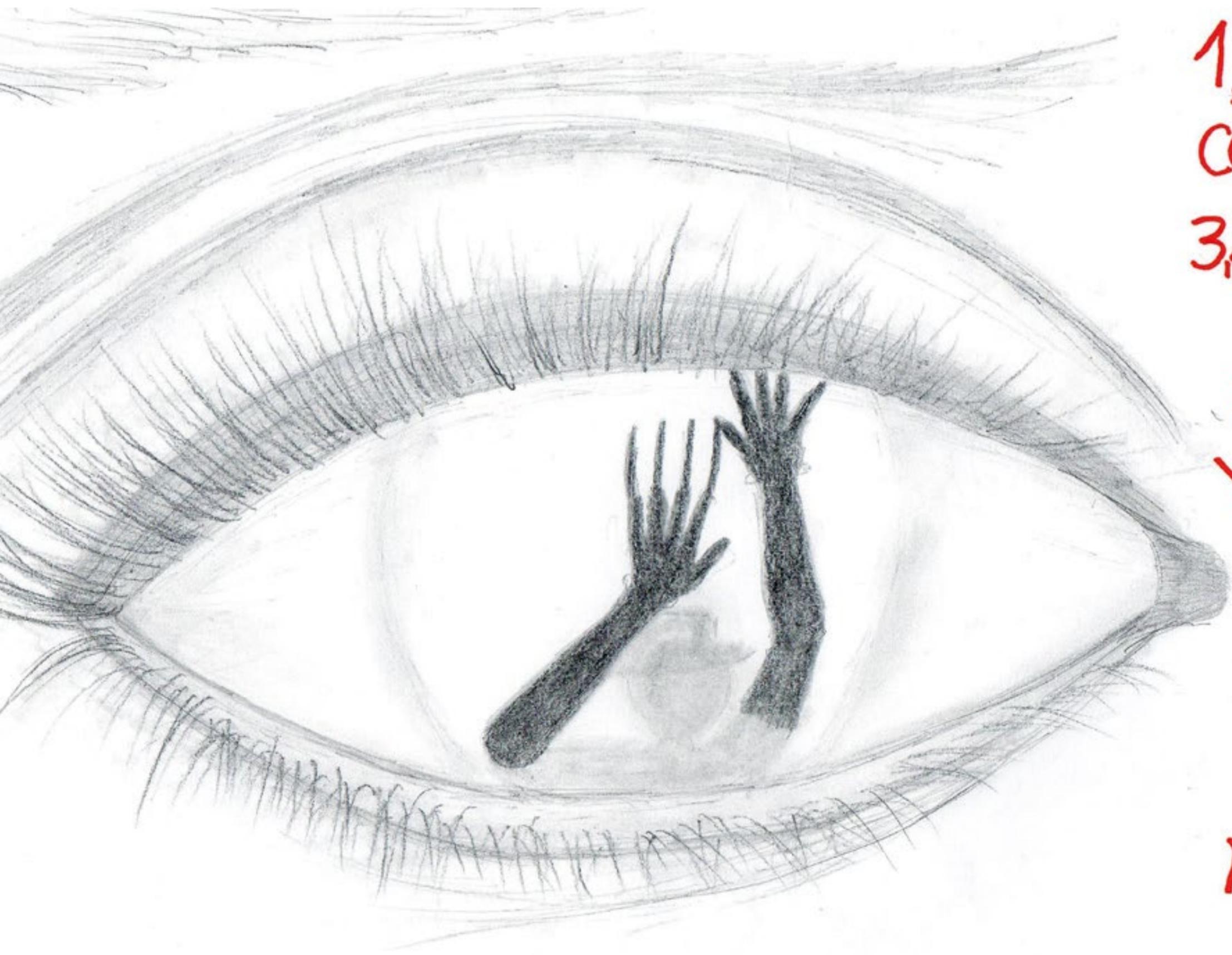
Quatro anos se passaram e, depois de muito sacrifício, virou promotor. Comemorou com uma viagem para Salvador, quando conheceu Helena, sua esposa.

Quando completou 32 anos, teve um casal de gêmeos, Nicolas e Nina, e se mudou para Florianópolis, comprou uma casa de frente para a praia, a realização de um grande desejo.

Henrique morreu aos 49 anos, vítima de um câncer de cérebro, depois de três anos de luta contra a doença. Deixou uma grande contribuição para a justiça e colocou na cadeia grandes criminosos.

Anônimo





1,2 FREDDY IS
COMING FOR YOU

3,4 BETTER LOOK
YOUR DOOR

5,6 GRAB
YOUR CRUCIFIX

7,8 BETTER
STAY AWAKE

9,10
NEVER SLEEP
AGAIN

DOSSIÊ NEVER SLEEP AGAIN

“Sonhos, essas pequenas fatias de morte. Como as odeio.”

*Edgar Alan Poe,
citado em “A nightmare on Elm Street 3: Dream warriors” (1987), de Chuck Russel*



Se você viveu os anos 80, com certeza perdeu algumas noites por sonhar demais. Suéter listrado, chapéu sujo, garras nos dedos e o pior, espera você dormir. Bem, apesar de não perder a majestade, Freddy Krueger, de “A hora do pesadelo” (1984), criação do grande Wes Craven, tirou mais risadas do que arrepios entre nossos escritores – o tempo e suas peças.

Ainda assim, uma bela obra de Terror. Melhor fechar a porta.

Resolvemos discutir sobre os prazeres por trás do gênero e os medos que já passaram por nós. Em ano de despedida, ele nos ronda. Sejam fortes! Freddy só ataca quem nele crê.

“O que há de característico no terror é que ele não está claramente consciente de seus motivos; mais os pressupõe do que os conhece [...]”

“Aforismos sobre a sabedoria da vida”, de Arthur Schopenhauer

Obras e filmes de referência: “Obra Poética Completa”, de Edgar Allan Poe / “A hora do pesadelo” e “Pânico”, de Wes Craven / “O segredo da cabana”, de Drew Goddard

Não pise nas sepulturas

Em uma noite, um grupo de jovens estava voltando de uma festa, ainda animados, eles bebiam e riam alegremente. Até que um deles, ao perceber que estavam chegando perto do cemitério da cidade, decidiu contar histórias de terror. As meninas do grupo eram as mais assustadas com suas histórias.

– Estamos quase passando pelo cemitério, vocês sabiam que nunca devemos pisar em um túmulo após o sol se pôr? Se vocês fizerem isto, o morto agarra suas pernas e as puxa para dentro da sepultura.

– Mentira. – disse uma delas – Isto é só uma superstição antiga.

– Se você é tão corajosa, por que não nos mostra? Eu lhe dou R\$50,00 se você pisar em alguma sepultura.

– Eu não tenho medo de sepulturas e nem dos mortos. Se você quiser, faço isso agora.

O menino lhe estendeu uma faca e disse:

– Crave isto em um dos túmulos e então nós saberemos que você esteve lá.

Sem hesitar, a garota tomou-lhe a faca e caminhou até a entrada do cemitério, sobre a surpresa

dos olhos de seus amigos que duvidavam que ela tivesse esta coragem. A garota entrou no cemitério onde o silêncio era total, sombras fantasmagóricas eram formadas pela luz da lua e ela teve a impressão de que centenas de olhos a observavam. Chegando ao centro do cemitério, olhou em volta.

– Não há nada a temer – disse a si mesma tentando se acalmar.

Então ela escolheu um túmulo e pisou nele, depois cravou a faca no chão e virou-se para ir embora, mas algo a deteve. Tentou novamente, mas não conseguiu se mover, ficou apavorada!

– Alguém esta me segurando! – disse em voz alta e caiu no chão.

Como ela demorava a voltar, o grupo de amigos decidiu ir atrás dela. Caminharam um pouco e a encontraram sobre um túmulo. Ela estava morta com uma expressão de terror no seu rosto. Inadvertidamente a própria garota havia cravado com a faca sua saia no chão, com muito medo ela pensara que algo sobrenatural a segurava e sofreu um ataque cardíaco, morrendo em seguida...

Camila Costa

A Cabana de Madeira

[137 anos antes do acontecimento]

Tina corre pela floresta, fugindo de sua madrasta, fugiu de casa após ter roubado a aliança de seu pai já falecido, sua madrasta observava a aliança toda noite, considerava uma joia. Com raiva, alcançou Tina e a arrastou até o lago, onde a afogou.

Antes de morrer, Tina escondeu a aliança, junto ao seu diário, perto do lago, onde ficou escondido por muitos anos.

[94 anos antes do acontecimento]

Perto de um lago, onde há 43 anos fora assassinada a filha de um fazendeiro, foi construída uma casa de férias.

Luther, um australiano nato, fez questão de construir a casa, pois estava no fim de sua vida e gostaria de aproveitá-la.

[78 anos antes do acontecimento]

Luther, aos seus 98 anos, entrega sua casa ao filho mais velho. Ele perguntou ao seu pai sobre as histórias que lhe contava, se eram realmente reais.

– Sim.

Luther diz, que em algumas noites, via uma garotinha de vestido branco e cabelos longos, pedindo socorro, na beira do lago.

[27 anos antes do acontecimento]

Como tradição, o filho de Luther entregou a casa a seu filho Lenny, e como previsto, lhe contou a mesma história que o pai lhe contava. Apesar do medo, nunca tinha feito mal a ninguém.

[2 dias antes do acontecimento]

– Bale e Sarah, acordem! Hoje é o último dia de aula de vocês.

Bale e Sarah eram gêmeos, era o dia de formatura, e Lenny chamou seu filho Bale para conversar:

– Filho, tenho uma casa de férias no fim da cidade, vou emprestá-la, faça uma festa, chame seus amigos.

[20 horas antes do acontecimento]

Bale não fez questão de chamar muita gente, convidou somente os mais próximos, Jack, sua irmã Sarah, Julie e Klarck.

Jack era seu melhor amigo e namorado de sua irmã Sarah, Julie era a melhor amiga de Sarah e Klarck era outro amigo de Bale.

[9 horas antes do acontecimento]

Sarah estava andando em direção ao lago junto a Jack, e tropeçou, percebeu um leve deslize no chão e decidiram cavar, achou um diário e um anel brilhante, devia valer muito. Decidiram ler o diário.

“Toda vez que a vejo, fico com medo, com seus olhos verdes, parece que é raiva. Admito que ouço gritos no lago, uma mulher dizendo que sou a escolhida, eu faço tudo que ela manda, parece ser certo, por isso enterrarei meu diário e a aliança de meu pai perto do lago hoje a noite, ela diz que está chegando a hora.”

– Parece estranho. - diz Sarah.

Jack permanece em silêncio, e quando ouvem uma voz com um pedido de socorro, correm na direção do lago. Ele vai na frente de Sarah e, quando ela chega ao local, não tem nada... nem mesmo Jack.

[5 minutos antes do acontecimento]

Sarah volta para pedir ajuda, porém ninguém estava lá, só uma garotinha na janela da cabana.

Fica imóvel, a garotinha chega mais perto, ela diz:

– Chegou a hora da Escolhida.

A garota Tina a mata com uma facada e sai de seu ponto, e Sarah finalmente percebe que é a sua hora de proteger o segredo da Cabana de Madeira.

João Pedro

Acordamos. Morávamos no Morro do Alemão, eu e meu pai. Minha irmã e minha mãe estavam viajando. Saímos de casa e fomos comprar uma faca, porque íamos fazer um jantar japonês com os amigos dele lá em casa.

dia a dia, então não fiquei com medo, mas quando a gente chegou no mercado, estavam vendendo olhos de seres humanos, 300 reais na média, o que estranhei.

Chegando no mercado, começou uma pancadaria entre duas mulheres e uma deu uma facada no coração da outra, que morreu. Isso acontecia no

Compramos a faca de 30 reais, cara, mas de “boa qualidade”. Depois preparamos os 3 quilos de peixe cru que os amigos do meu pai deram. Quando ele foi cortar o peixe ao meio, acertou

seu dedo. Sangrou uma piscina, mas ele não sentiu muita dor, então não teve problema.

Os amigos chegaram e estavam meio fedorentos e todos eles tinham olhos vermelhos. Começaram a ir para perto do meu pai, ou melhor, a cheirar o dedo dele. Foi então que não tive dúvidas de que eram vampiros. Falei alto: “Vou ali na cozinha e já volto”.

Quando cheguei lá, peguei todas as facas que vi pela frente. Comecei a banhar os peixes nos

alhos para qe, quando comessem, engasgassem. Assim que servi os peixes, todos comeram, e começaram a tossir. Logo peguei as facas e enfiei no peito deles. Meu pai estava deitado. Quando fui levantá-lo, vi mordidas no seu corpo inteiro, e não tinha dúvidas de que iria virar um vampiro, então, por incrível que pareça, enfiei a faca em seu coração.

Desse dia em diante eu não era mais aquele filhinho do papai, não havia mais o papai, eu era um homem, um caçador de vampiros.

Leonardo Nunes

Meu nome é Isadora, e eu vou contar como foram os piores dias da minha vida.

Em janeiro, na época do aniversário do meu melhor amigo, Arthur, eu, ele e mais quatro pessoas fomos para a casa de campo da sua avó.

Chegamos na casa às 23 horas e estávamos muito cansados. Entramos e resolvi olhar em volta: lustres antigos, espelhos manchados, quadros com pessoas velhas rasgados e sujos.

– Olha... só eu achei esse lugar horroroso? – Perguntou Mel enquanto abraçava Thiago.

– Eu adorei esse lugar! A gente vai zoar muito! – rebateu Thiago se desvencilhando dos braços de Mel. Eu tinha pena dela às vezes. Ela gostava muito dele, que só estava com ela porque ela era rica e bonita, mas todos sabiam que a traía. Com todo o mundo.

– Bom, eu vou subir para poder escolher meu quarto e tomar banho. – Stella saiu da sala e subiu fazendo um enorme barulho já que a escada de madeira estava ou muito velha, ou as tábuas muito soltas.

Acordei 3h30 da manhã com o som da chuva. Não dava para dormir assim, parecia que o mundo estava acabando! Decidi descer para pegar um copo de água. Olhei para a cama ao lado para ver se Mel ainda estava conseguindo dormir com aquele barulho, e tomei um susto ao perceber que ela não estava lá.

– Amiga! – sussurrei um pouco alto para ver se ela me respondia. Desci as escadas, procurei na sala, na cozinha, banheiros, e depois entrei cuidadosamente no quarto de Thiago. Dei uma olha ao redor e não a achei ali. Comecei a ficar preocupada, então voltei para o quarto para ver se ela já

estava lá. Não estava.

– Bom dia, meus amores! – Stella era uma pessoa muito matinal, isso me irritava profundamente.

– Bom dia, estrela! – outra coisa que me irritava mais ainda eram os garotos, principalmente o Victor, que idolatravam Stella. Se fosse outro momento, eu até zoaria ele, mas estava muito preocupada com Mel.

– Alguém viu a Mel? – perguntou Arthur.

– Deve estar lá em cima, não a vejo desde ontem quando ela disse que iria ao banheiro. – respondeu Stella, bebendo seu suco de laranja.

– Que horas foi isso? – perguntei, preocupada.

– Ah, acho que umas 2, 3 horas, não sei. Eu descii para pegar mais um cobertor naquele armário – apontou – e ela estava aqui embaixo, com cara de assustada. Acho que estava com medo da chuva, não sei.

– Ela gosta de fazer ceninha, já deve estar voltando – reclamou Thiago.

– Cala a boca! Por uma vez na sua vida você poderia fingir que se importa com ela e ficar preocupado? – levantei e bati na mesa – Você é ridículo!

– E você é muito estressada, tô cansado de você. Quem foi que deixou essa garota vir mesmo? – perguntou rindo.

Eu saí de lá batendo os pés. Esse garoto me irrita muito! Mas eu não posso me preocupar com isso agora, eu tenho que achar a Mel. Fui para fora da casa procurá-la pelos arredores.

– Aonde você tá indo, cara?

– Ninguém está preocupado com ela, mas eu estou – respondi andando rápido com Stella tentando me alcançar.

– Aonde você vai, Isadora?

– Procurar minha amiga!

– Eu te ajudo.

Procuramos em vários lugares perto da casa e depois voltamos.

– Chega! Ela deve ter ido embora.

– Ela não iria assim do nada, Stella, pelo amor de Deus, né!?

Entramos em casa e os garotos estavam desesperados e chorando.

– O que aconteceu? – perguntou Stella passando a mão nas costas de Arthur.

– Nós temos que mostrar uma coisa para vocês! – disse Victor, se levantando do sofá.

Eles nos levaram até o porão e...

– NÃO! – gritei, ajoelhando ao lado do corpo de Mel e o abraçando. Havia uma poça de sangue em volta dela.

Stella começou a chorar muito alto e a examinar seu corpo, ver se ela ainda estava viva. Quando vimos que não tinha mais jeito, todos nós choramos compulsivamente.

Limpamos tudo no porão e como não sabíamos o que fazer com o corpo, apenas o enrolamos em um lençol e deixamos lá.

Todos estavam sentados no sofá, cada um preso em seus próprios pensamentos.

– Quem vocês acham que fez isso? – perguntou Arthur – Tem que ter sido algum de nós.

– Bem, eu acho que sei quem foi! – eles ficaram me olhando confusos – O Thiago.

– Você tá louca? Olha, eu sei que eu não fui totalmente honesto com ela, mas eu nunca na minha vida mataria uma pessoa, muito menos minha namorada! – gritou com lágrimas nos olhos – Eu acho que foi você! – acusou com raiva.

Discutimos, gritamos e fomos avançando um para cima do outro.

– Eii! – Arthur entrou no meio de nós – Eu sei que todos estão irritados, tristes, confusos, e que vocês dois não se gostam muito! Mas, sério, vocês acham mesmo que algum de nós MATARIA a Mel? Vocês enlouqueceram?

– O Arthur tem razão, ninguém faria isso – concordou Stella – Eu vou lá em cima tomar banho, preciso tirar esse cheiro de morte de mim – Victor saiu logo atrás dela.

– Também vou subir, e, por favor, não se matem, já temos uma morte para nos preocuparmos – brincou Arthur.

– Como você consegue fazer piada com uma coisa dessas? – perguntei com raiva.

Ele apenas ignorou e subiu. (Idiota.)

Eu e Thiago ficamos sozinhos, os dois com a mente borbulhando de pensamentos voltados para Mel.

Fiquei encarando um objeto qualquer e me forçando a não chorar, porque eu sabia que se eu começasse de novo, não iria mais conseguir parar.

– Desculpa ter acusado você... apesar de ser um babaca, você não faria isso.

– Isso é tão irreal! Ela era perfeita, não merecia morrer. Eu sou um idiota!

– Sim, você é um idiota – ri sem vontade.

Ficamos nos encarando em um silêncio constrangedor e...

– AHHH! – droga! Era Stella.

Subimos correndo e a encontramos dentro da banheira. A água estava avermelhada e Stella boiando sobre ela.

A minha cabeça só conseguia pensar “Não, não, não, não!”

– Stella, não faz isso comigo, por favor! ACORDA!! – gritei com todas as minhas forças – Por favor, Ela, por favor! – comecei a chorar baixinho, sentada no chão.

Olhei para trás e vi Thiago andando de um lado para o outro com as mãos na cabeça.

Victor chegou correndo e, vendo a cena, chorou como um bebê.

– ESTRELA! Não me deixa! – se abaixou e pegou a mão de Stella.

Arthur chegou logo atrás dele e ficou paralisado na porta.

– Já chega! Nós temos que sair daqui! – levantei do chão – Vocês não estão assustados? Porque eu estou quase tendo um ataque de tanto medo.

– Você tem razão, Isa – Victor concordou – temos que sair daqui.

– Vamos arrumar nossas coisas e depois pegar a estrada – disse Thiago, saindo dali quase correndo.

– E eu preciso descansar. – Arthur gaguejou – não consigo pensar direito nesse momento.

Também saí de lá e fui para o meu quarto. Deitei na cama e fiquei pensando em tudo o que aconteceu naquele dia, em como seria minha vida sem aquelas duas meninas. Estava desolada.

Acordei algumas horas depois e estava tudo em silêncio. Saí do meu quarto e olhei para todos os lados, procurando os garotos com os olhos, foi quando eu percebi que no teto havia um negócio bem pequenino que parecia uma câmera. Quando cheguei perto para olhar melhor, ouvi a voz de Arthur.

– A gente tem que sair daqui agora, Isa! AGORA!

– O que houve?

– Eu e os meninos estávamos colocando as malas no carro e eles disseram que iam te chamar, como eles estavam demorando muito, eu entrei para ver o que tinha acontecido e...

– Eles estão bem, Arthur? Diz que eles estão bem!

Ele olhou para baixo e pegou minha mão

– Nós temos que ir!

Saímos correndo da casa e, do nada, ele parou.

– O que aconteceu? Vamos sair daqui logo. – sussurrei olhando para os lados, com medo de que o doente que matou meus amigos estivesse por perto.

– Isadora, Isadora... – ele andava em volta de mim, rindo alto.

– O que você tá fazendo, Art? – olhei para ele, ficando um pouco assustada.

– Você é tão bobinha, Isa... – percebi que ele estava com uma faca na mão. Ele começou a acariciar meu rosto com o objeto, enquanto eu olhava em volta, procurando alguma coisa que pudesse me salvar naquele momento.

– Coitadinha, seus amigos morreram e não tem ninguém aqui para te defender... – ele riu mais um pouco.

– Não pode ter sido você! Por que fez isso tudo? Até aonde eu sei, você não tem coragem nem de matar uma mosca. – comecei a suar frio e meus olhos estavam marejados.

– Minha vida estava muito chata, muito monótona, então eu resolvi animá-la um pouco.

Ele foi andando na minha direção, e eu fui me afastando, caminhando para trás. Tropecei em alguma coisa e caí no chão, olhei para o lado e vi uma pedra. Enquanto vinha para cima de mim, peguei a pedra e joguei-a em sua cabeça.

Levantei, peguei a faca de suas mãos e comecei a esfaqueá-lo.

– NÃO! – ouvi uma voz gritando, e a reconheci no mesmo momento.

Vi alguma coisa saindo do meio dos matos, e essa coisa era Mel!

– MEL! Você tá viva! – corri para abraçá-la, mas ela desviou e foi ver o corpo morto no chão.

– Eu não acredito que você fez isso! – ela se ajoelhou ao lado de Arthur e tentou estancar seu sangue com as mãos. – VOCÊ É LOUCA! – ela gritou, levantando e me empurrando.

– Ele ia me matar se eu não fizesse nada! Era ele ou eu! E contando que ele era um maníaco que matou meus amigos, eu preferi salvar a minha vida a poupar a dele.

– ELE NÃO ERA UM ASSASSINO, SUA BURRA!! ISSO TUDO FOI UMA BRINCADEIRA!

Quando ela disse isso, vi os outros saindo de trás do mato.

– Como assim uma brincadeira? – perguntei nervosa e confusa. Minha mão não parava de tremer.

– Nós queríamos fazer um filme para a aula de teatro. – explicou Stella.

– Um filme que mexesse com as emoções de alguém. – completou Thiago.

– Então escolhemos você, por ser a mais sensível de nós. Bom, o Arthur escolheu, já que a ideia foi dele. – Victor disse, com a voz estranha, tremendo. – Eu não concordei no começo, porque fiquei com medo e pena de você, mas o Art me convenceu e quando eu vi, já estava aqui ajudando eles.

Eu não conseguia parar de tremer! Era inacreditável o que eles tinham feito.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Mel, desesperada.

Eles começaram a discutir sobre o que iam fazer, mas eu não conseguia prestar atenção em nada, eu estava em estado de choque. Em algum momento daquela confusão, eu surtei. Comecei a pegar pedras que havia ali e atirar neles.

Entrei no carro e fui dirigindo para um lugar bem longe dali. Até hoje eu não tenho notícias de nenhum deles.

Mudei de cidade, mudei de vida. Aparentemente as gravações que eles fizeram nunca foram vistas por ninguém, e foi melhor assim. Aquele com toda a certeza foi o pior momento da minha vida...

Maria Júlia

Terror no Acantonamento

14h20. Catorze alunos da Aldeia e dois professores se divertindo na piscina, todos nós nadando e brincando. Logo eu vi um garotinho nos olhando. Eu e Corrêa fomos até ele, que sumiu, nos assustamos. Corrêa não acreditou e ignorou, então saímos todos da piscina, felizes – e só eu assustado.

17h30. Hora da trilha pela mata, já no caminho, vi um branco longe de todos nós, então gritei alto “Gabriel, atrás de você”. Ele olhou para trás e não havia nada – fiquei com mais medo ainda.

20h. Estávamos lanchando e Noah, com vontade de ir ao banheiro, chamou Mateus para acompanhá-lo. Enquanto estava no banheiro, Noah ouviu Mateus gritando, então saiu do banheiro e o viu no chão, sem perceber a própria barriga sangrando. Chegou na sala e morreu.

Vinícius estava no alto da árvore, assustado, e caiu da árvore sem chances de sobreviver.

Saí da sala com Léo e Morena e notamos que João estava meio estranho. Saímos de perto, as folhas começaram a cair, o vento estava mais forte. Foi quando escutamos os gritos de Mônica! Chegamos lá e a vimos com Sofia, Corrêa, Maria Júlia e Camila... mortos.

Todos já estavam com medo e reunidos dentro da sala para pensar no que fazer. João, sendo o mais velho e experiente, chamou Gabriel, Victor Hugo, Castilho e Morena para fugir da escola com ele. E foram. Apenas Laura, Léo e eu ficamos na sala.

02h. Dormia. Laura me acordou para me mostrar o que Léo havia achado na porta. Era uma tábuca grande de madeira escrita com sangue e dizia que há muito tempo a escola era um lugar em que trabalhadores foram escravizados e que um dia os espíritos em revolta retornariam para matar todos.

04h. Um barulho na porta. Quando abri, era apenas o Wilson molhado por causa da chuva, porém, em fração de segundos, começou a sair uma gosma preta da boca dele, e ele morreu diante de nós. Olhei para trás, Laura se matou e, de repente, ficou tudo preto.

Acordei e vi João ao lado de todos os mortos, Léo também havia morrido, sabe-se lá como. Saiu um espírito de dentro do João, que também acabou morrendo, como todos. Os fantasmas riram e desapareceram. Voltei para minha casa correndo, com medo, e vi todos que morreram no acantonamento olhando pra mim.

Não havia me dado conta de que também estava morto e era mais um espírito.

Pedro Villela

Em 2014, era inverno na Flórida, um grupo de adolescentes decidiu ir para uma casa na montanha. Eram cinco pessoas. Uma delas, Alex, descobriu, pelo acesso que tinha a informações de satélites, que ia estar muito frio na montanha, -18°C. Reynold, jogador de Futebol Americano, já quis “dar uma de machão” na frente de namorada e disse que frio é coisa que não sentia.

- Como nós vamos? – perguntou Reynold, envaidecido.
- Vou pedir para o meu pai o helicóptero – disse Valentina.
- Não Valentina, vamos de carro até a trilha, é mais seguro – argumentou John, seu irmão.
- John, nós somos filhos do presidente Obama! Óbvio que o helicóptero dele é seguro.

Todos aceitaram e foram para a montanha pelos ares. No heliporto, precisavam pegar um teleférico para chegar até a casa, momento em que John e Alex tomaram a frente. Próximo ao transporte, ficaram Valentina, Reynold e Raquel, esperando para pagar ao piloto, mas Valentina sentiu que havia alguém os observando e mandou os dois namorados subirem pelo teleférico em seguida.

Logo, o casal se distanciou enquanto, na casa, já estavam John e Alex. Reynold quis se mostrar para namorada e então sentou na janela do teleférico:

- Sai daí, Reynold, você vai cair!
- Relaxa, não vai acontecer...

Nesta hora alguma coisa puxou o rapaz para fora do teleférico e o jogou montanha abaixo:

- SOCORRO !!!
- REYNOLD !!!

Raquel, desesperada, chega a casa e conta o que havia acontecido para Alex e John... Cerca de trinta minutos depois, com todos cientes do acontecido, decidiram se separar para descer a montanha e subir a pé pelo caminho do teleférico. Alex e Valentina foram pela trilha que tinha atrás da casa e John foi com Raquel pelo caminho da Mina de Platina, abandonada há tempos.

Alex e Valentina chegaram ao heliporto onde encontraram um machado e umas algemas e estranharam, apesar de terem deixado os objetos lá... Enquanto isso, John e Raquel saíram da mina abandonada e encontraram os outros dois no heliporto.

Acordaram que dois iriam pelo meio da montanha, um pela direita e o outro pela esquerda. Pelo caminho do meio foram John e Raquel, pela direita foi Alex e pela esquerda foi Valentina. Aquela estava subindo quando viu uma perna cheia de sangue e não tardou a reconhecer a meia e o calçado que havia na perna, eram de Reynold. Na hora que tocou na perna para pegá-la, uma armadilha de urso foi ativada, prendendo sua mão! Tentou abri-la com sua faca de bolso, mas a faca quebrou e então pegou um galho afiado que estava no chão e decidiu amputar a mão. Quando amputou, saiu muito sangue, fazendo-a morrer por hemorragia.

John, Raquel e Valentina não sabiam do acontecido e então continuaram andando... Quando chegaram ao topo da montanha não tinham achado o corpo de Reynold, mas também não viram Alex voltar. Todos

presumiram que o pior havia acontecido. Decidiram então ficar trancados na casa e qualquer um que abrisse a porta ia levar uma machadada, já que uma armadilha fora preparada na porta da frente.

Já era noite do dia seguinte quando Valentina decidiu ir à cozinha da casa sozinha para comer os chocolates que estavam na geladeira. Quando a abriu, alguém a segurou e amarrou uma camisa em sua boca para que não pudesse falar nem gritar e então a prendeu na geladeira.

Enquanto isso, John estava com Raquel na sala esperando Valentina voltar, porém ela não voltava nunca e Raquel decidiu sair para procurá-la... Deu a volta na casa e não a achou... Decidiu entrar de volta, só que pela porta da frente. Não deu outra, a armadilha que os próprios haviam feito foi ativada e o machado dividiu Raquel ao meio.

Vendo toda a situação e todos seus amigos mortos, John decidiu correr para o heliporto e tentar pilotá-lo. Quando lá chegou, entrou no transporte e levantou voo, mas 15 segundos depois ele caiu, sem gasolina. O assassino retirou a gasolina do helicóptero.

Nunca foi encontrado.

Pedro Corrêa



1,2 FREDDY IS
COMING FOR YOU
3,4 BETTER LOOK
YOUR DOOR
5,6 GRAB
YOUR CRUCIFIX
7,8 BETTER
STAY AWAKE
9,10
NEVER SLEEP
AGAIN

EXPEDIENTE

Apresentação: Mateus Bertolino

Revisão: Mateus Bertolino e Mônica Scheer

Autoria dos textos: Alunos do 9º ano/2016 da escola Aldeia Curumim

Design, Diagramação e Montagem da Capa: Bernardo Nemer (www.bernardonemer.com)

Ilustrações: Morena

Capa: "Sad Clown", de Margaret Keane

Colaboração: Mônica Scheer

Apoio institucional: Marcelo Cantarino Gonçalves



www.aldeiacurumim.com.br



www.aldeiacurumim.com.br